

UNIVERSIDADE DE COIMBRA
FACULDADE DE LETRAS

FICHEIRO EPIGRÁFICO

(Suplemento de «Conimbriga»)

91

INSCRIÇÕES 409-411



DEPARTAMENTO DE HISTÓRIA, ARQUEOLOGIA E ARTES
SECÇÃO I INSTITUTO DE ARQUEOLOGIA
2011

FICHEIRO EPIGRÁFICO é um suplemento da revista CONIMBRIGA, destinado a divulgar inscrições romanas inéditas de toda a Península Ibérica, que começou a publicar-se em 1982.

Dos fascículos 1 a 66, inclusive, fez-se um CD-ROM, no âmbito do Projecto de Culture 2000 intitulado VBI ERAT LVPA, com a colaboração da Universidade de Alcalá de Henares.

Publica-se em fascículos de 16 páginas, cuja periodicidade depende da frequência com que forem recebidos os textos. As inscrições são numeradas de forma contínua, de modo a facilitar a preparação de índices, que são publicados no termo de cada série de dez fascículos.

Cada «ficha» deverá conter indicação, o mais pormenorizada possível, das condições do achado e do actual paradeiro da peça. Far-se-á uma descrição completa do monumento, a leitura interpretada da inscrição e o respectivo comentário paleográfico. Será bem-vindo um comentário de integração histórico-onomástica, ainda que breve.

Toda a colaboração deve ser dirigida a:

Instituto de Arqueologia
Secção de Arqueologia | Departamento de História, Arqueologia e Artes
da Faculdade de Letras da Universidade de Coimbra
Palácio de Sub-Ripas
P-3000-395 COIMBRA

A publicação deste fascículo só foi possível graças ao patrocínio de:



ARA A *IUPPITER CAPITOLINUS* EN TALAVÁN
(CÁCERES)

En uno de los frecuentes viajes epigráficos por tierras extremeñas, tuvimos noticias de la existencia de una “piedra escrita” en el interior de una casa en Talaván. Después de no pocas indagaciones dimos con el paradero de la citada piedra y pudimos constatar la importancia del texto que en ella se contenía y que hacía referencia a una invocación a Júpiter Capitolino.

Según su propietario, Don Ángel Estrada Llorente, se halló empotrada en un muro en el transcurso de la rehabilitación de su propia vivienda, sita en la Plaza del Pilar 1, en Talaván. Actualmente se encuentra en el mismo lugar, al final de la escalera que sube al primer piso.

La pieza está elaborada de forma muy tosca y no parece corresponder a la obra de un profesional. Si bien los soportes de las inscripciones de la zona no se caracterizan por su especial riqueza escultórica, no recordamos ningún caso con estas peculiaridades.

Es un ara de granito anaranjado de grano fino. El frontal es totalmente liso desde la cornisa a la base y la decoración sólo se aprecia en los laterales. El coronamiento está roto y han desaparecido las volutas. Encima lleva un fóculo de 8 cm de diámetro. Dos molduras laterales dan paso al fuste y otras dos al zócalo. En el centro del reverso presenta una oquedad de grandes dimensiones. La base está rebajada, posiblemente para su reutilización como quicio de una puerta. Está muy deteriorada y presenta numerosas picaduras y abrasiones, especialmente en la

parte derecha. El texto, que se extiende por toda la cabecera, está incompleto, aunque puede restituirse íntegramente. Las letras, bien marcadas e irregulares, son capitales cuadradas con rasgos rústicos y la interpunción redonda.

Dimensiones: 62 x 30 x 24.

[I]ovi Op[ti]-
mo • Max-
imo • Capi-
tolino •
[A]llia • [Ca]-
mira an-
imo • libe- (E = II)
s • vo(tum) • so(lvit) •
a(ram) • po(suit) •

Letras: líneas 1, 4 y 6: 4; ll. 2-3: 3; ll. 5, 7
y 8: 3,5; 9: 4,5.

Iuppiter Optimus Maximus es, de largo, la divinidad que cuenta con el mayor número de testimonios repartidos por todo el Imperio. Más raros son los casos en los que aparece con el título de *Capitolinus*. Hasta la fecha éste es el primer testimonio documentado en Lusitania. No obstante, se conocen otros tres casos más en la epigrafía peninsular procedentes de Andújar¹ (Jaén), Tarragona² y Torre del Bierzo³ (León).

La poca pericia del grabador plantea problemas en el nombre de la dedicante; muy probablemente hay que leer *Allia* con nexa AL. *Allius* es indudablemente un gentilicio latino común en la epigrafía peninsular; pero parece segura la existencia de un nombre indígena con el mismo radical que interfiere a veces en la secuencia onomástica⁴. *Allius* podría ser un nombre indíge-

¹ AE, 2003, 929.

² CIL II, 4079.

³ AE, 1928, 177.

⁴ J. M^a Vallejo Ruiz, *Antroponimia indígena de la Lusitania romana*, Vitoria 2005, págs. 254-255.

na puesto que es frecuente su aparición como un simple *cognomen*. El problema radica en que también se documenta dentro de estructuras onomásticas completamente romanas e incluso formando parte de un *duo nomina* indígena⁵.

Si bien podría haber dudas de la adscripción onomástica del primer componente del nombre, el *cognomen Camira* es indudablemente indígena, pues se trata de un antropónimo exclusivo de Lusitania y especialmente abundante en la epigrafía cacereña⁶.

JULIO ESTEBAN ORTEGA



⁵ Hay un *Alio Pendiegino* en una inscripción leonesa de Prioro (E. Diego Santos, *Inscripciones romanas en la provincia de León*, León, 1986, 279) y un *Alius Reburus* en otra de Alijó, Vila-Real (CIL II, 2394 a).

⁶ El antropónimo *Camira* se documenta también en inscripciones procedentes de Aber-tura, Alcántara, Baños de Montemayor, Coria, Plasencia, Salvatierra de Santiago, San Martín de Trevejo, Trujillo y Villamesías.

ESTELA FUNERÁRIA DO LARGO DO CONTADOR-MOR
EM LISBOA
(*Conventus Scallabitanus*)

Numa intervenção arqueológica realizada, em Outubro de 2009, no edifício sito no nº 17-22 do Largo do Contador-Mor, freguesia de Santiago, em Lisboa¹, foram descobertos os fragmentos de um monumento epigráfico funerário de um cidadão de *Felicitas Iulia Olisipo*. No decorrer dos trabalhos de escavação, os fragmentos que exibiam gravação de letras orientaram a análise cuidada de todos os restantes que apresentavam as mesmas características petrológicas, na tentativa de possibilitar a reconstituição mais completa possível do monumento. Embora se tenham recolhido cerca de 20 fragmentos, apenas 5 se puderam relacionar com segurança e deram entrada nas reservas do Museu da Cidade, aguardando uma acção de limpeza e restauro que permita a sua exposição ao público.

Se os 5 fragmentos em calcário, com rudistas, de cor rosa, habitualmente designado por lioz rosa (frequente nas pedreiras da região de Lisboa), dificultam o apuramento das dimensões totais do monumento são, no entanto, suficientes para permitir reconhecer uma estela funerária, ao que tudo indica de

¹ Os trabalhos foram dirigidos pelos arqueólogos Nuno Mota, Marina Carvalhinhos (do Serviço de Arqueologia do Museu da Cidade) e Pedro Miranda (da Unidade de Projecto de Alfama) da Câmara Municipal de Lisboa.

grandes dimensões, sem decoração ou mesmo campo epigráfico delimitado por qualquer espécie de moldura e com o topo redondo, seguindo um modelo muito comum na epigrafia funerária de época romana em Lisboa.

Dimensões²: 67 x 53 x 33.

C(aius)· CANIDIVS / [C(aii) · ?] F(ilius) (hedera)
GAL(eria tribu)· FVNDANVS / H(ic)· [S(itus) ·] E(st)

Caio Canídio Fundano, filho de Caio, inscrito na tribo Galéria, aqui jaz.

Altura das Letras: 1. 1: 6, 5; 1. 2: 5, 5 (V=2); 1.3: 5.
Espaços: 1. 1: 43,5; 1. 2: 9; 1. 3: 9.

A paginação é cuidada, com alinhamento à esquerda e denunciando o recurso a linhas auxiliares que ainda são, na sua maioria, visíveis. O texto distribui-se por três linhas, destacando, em letras de maior dimensão, na primeira linha, o *praenomen* e o *nomen* do defunto. Na segunda linha, em letras ligeiramente menores, foram gravados os outros elementos identificativos do defunto, a filiação, a indicação da tribo e o *cognomen*, cujas letras vão sucessivamente estreitando por falta de espaço até se recorrer, na palavra que corresponde ao *cognomen*, a um nexa (ND) e ao uso de uma letra excepcionalmente pequena (o último V), gravada 2 cm acima da linha para poder encaixar entre o N e o S, sem ocupar muito espaço. Na última linha, não alinhada à esquerda mas, ao que tudo indica, sem também chegar a respeitar um qualquer eixo de simetria, foi gravada, abreviada como é de norma, a fórmula funerária H. S. E., de que apenas é visível o H e a haste horizontal superior do E.

² Embora os 5 fragmentos se relacionem (pelas suas características petrológicas, pelo trabalho de afeiçãoamento, pela existência de texto e nalguns casos pelas dimensões) nem todos estão em conexão. As medidas máximas do monumento foram apuradas a partir de 3 fragmentos que ligam entre si, permitindo o apuramento seguro da largura e da espessura do monumento, mas fornecendo uma medida para a altura máxima que não leva em consideração dois fragmentos.

As letras, gravadas em profundidade, provavelmente através da percussão indirecta com um cinzel de ponta de bisel, apresentam os sulcos em forma de V e seguem o modelo das capitais monumentais quadradas, quando, na realidade, são sempre capitais alongadas no sentido vertical, subtilmente na primeira e na terceira linhas (a largura é menor que a altura cerca de um centímetro) e evidentemente na segunda, sobretudo na parte direita da inscrição quando já se faz sentir a pressão da exiguidade do espaço. A existência de serifas cuidadosamente gravadas e alongadas em todas as letras (mesmo quando já se faz sentir a pressão do espaço) parece denunciar a preocupação com a graciosidade estética do texto. Todas as palavras, abreviadas ou não, estão separadas por *puncti distinguentes* triangulares (também eles embelezados com serifas), desde que não sejam palavras completas em final da linha. Deve, todavia, ser assinalado o facto de, na segunda linha, se reconhecer uma pequena haste de uma *hedera*, que serviria para dividir os elementos identificativos do defunto em dois grupos: o primeiro, distribuído pela primeira e segunda linha, contendo o *praenomen*, *nomen* e indicação de filiação em letras desafogadas (sem se estreitarem) e num segundo grupo, todo ainda na segunda linha, a indicação da tribo e o *cognomen*, já apresentando os artifícios para combater a falta de espaço.

O efeito estético pretendido por este tipo de paginação (que cuidadosamente distribui o texto por assuntos em diferentes linhas), de gravação em V (que ao mesmo tempo que promoveria maior contraste na pedra entre espaços gravados e espaços por gravar, protegeria a tinta com que seriam preenchidos os sulcos) e pelo uso de serifas e heras foi, de algum modo, comprometido pela dificuldade em arrumar harmoniosamente as letras na segunda linha.

Estas opções técnicas e estéticas associadas a um texto funerário tão conciso que se satisfaz com a referência aos nomes do defunto em nominativo, à sua filiação e à tribo (elemento que o distingue na sociedade da sua época), seguida da fórmula H. S. E., sem sequer indicar a idade com que faleceu, permitem colocar este monumento na primeira metade do século I.

O texto gravado na estela dá a conhecer mais um cidadão romano de *Felicitas Iulia Olisipo*, pertencente a uma família nunca antes documentada na área do *municipium*: a *Gens Canidia*. O *gentilicium Canidius* é pouco atestado nas fontes literárias

que destacam apenas uma personagem notável com esse nome, *Publius Canidius Crassus*, que foi cônsul em 40 a. C., serviu com Lépido nas Gálias, apoiou Marco António e foi eliminado por volta de 30 a.C., aquando das vitórias de Octaviano.³ Se na literatura o *nomen* é raro, na epigrafia do mundo romano também não é nada frequente. Na Lusitânia, contudo, o nome *Canidius* / *Canidia* regista-se mais duas vezes:⁴ uma *Canidia Albina* de ordem senatorial aparece num monumento epigráfico datável do século III, encontrado em Évora (CIL II 111=IRCP 381)⁵ e, também num monumento de Évora datável dos finais do século II aos inícios do século III, se regista um *Canidius*, mas neste caso a palavra é usada sozinha e com o valor de cognomen (IRCP 375). No contexto da Península Ibérica, *Canidius* é considerado um gentílicios fóssil, ou seja um dos que fazem parte do grupo de gentílicios raros que se atestam na Península Itálica durante o período republicano até quase desaparecerem nessa zona para reaparecerem, sempre raramente, pelas províncias, testemunhando fenómenos migratórios que acompanham processos de conquista e de colonização e rotas de administração e comércio⁶.

O *cognomen Fundanus* / *Fundana*, na Lusitânia, regista-se 19 vezes, 8 vezes no espaço do que foi o município romano de Lisboa (3 na cidade e 5 no *territorium*) e é também um nome de latinidade antiga que só costuma aparecer em ambientes muito romanizados, em zonas que foram conquistadas muito cedo, onde as comunidades têm um estatuto jurídico privilegiado⁷, como é o caso do *municipium civium Romanorum*, *Felicitas Iulia Olisipo*.

A intervenção arqueológica que, permitiu a descoberta do monumento enquadrou-se no cumprimento do estipulado no Plano Director Municipal de Lisboa que distinguindo áreas de

³ GEIGER, J., “*Canidius or Caninius?*” in *The Classical Quarterly*, 22, Cambridge University Press, 1972, pp. 130-134.

⁴ AAVV, *Atlas Antroponómico de la Lusitania Romana*, Grupo Mérida, Fundación de Estudios Romanos e Ausonius Éditions, Mérida-Burdeos, 2003, p. 132.

⁵ CIL II = Hübner, E., *Corpus Inscriptionum Latinarum*, II, Berlim, 1869. Suplemento, 1892. IRCP = Encarnação, J., *Inscrições Romanas do Conventus Pacensis. Subsídios para o Estudo da Romanização*, 2 volumes, Coimbra, 1984.

⁶ AAVV, *Atlas Antroponómico*... pp. 409-410.

⁷ *Idem, Ibidem*, pp. 179-180 e 410-411.

sensibilidade arqueológica na cidade, obriga nalgumas zonas a trabalhos prévios de arqueologia antes de quaisquer acções de reabilitação urbana. O edifício do Largo do Contador-Mor, nº 17-22, além de se situar no centro histórico de Lisboa é também local de passagem de um troço do lanço oriental da Cerca Medieval (classificada como Monumento Nacional). Esse troço foi detectado nas traseiras do edifício, já sem paramento em silharia, apresentando apenas o enchimento interno em alvenaria de pedra e argamassa. Os fragmentos da estela foram descobertos na zona que estava sob o paramento removido. Na sua maioria, incluindo o do topo, estavam abandonados sobre os níveis de enchimento à base da muralha, formados por depósitos com materiais datáveis da Idade do Ferro e da Época Romana, bastante compactados, aparentemente remobilizados em Época Medieval⁸. Os restantes fragmentos encontravam-se, muito próximos, reutilizados em episódios construtivos de Época Moderna. É bastante provável que mais fragmentos continuem integrados no alicerce do edifício a reabilitar.

A informação estratigráfica não permitiu aferir com clareza se a estela alguma vez esteve integrada na muralha, para só mais tarde ser retirada e reutilizada novamente, partida, como enchimento, ou material a lançar em nova construção. Todavia, a incorporação de monumentos epigráficos nas muralhas urbanas é, desde Época Romana Baixo Imperial, recorrente. Para dar apenas exemplos lisboetas basta referir que aquando da demolição do troço da muralha medieval, conhecido por “Porta do Ferro” (no actual Largo de Santo António da Sé), em meados do século XVIII, se registou o aparecimento de 34 epígrafes romanas e que, em troços da muralha e edifícios contíguos junto às “Portas do Sol” (porta de muralha desaparecida, mas ainda hoje recordada na toponímia), zona bem próxima do Largo do Contador-Mor,

⁸ Uma intervenção arqueológica realizada no pátio da Fundação Ricardo Espírito Santo e Silva, junto ao Largo das Portas do Sol, revelou entre outras realidades, um estaleiro de obras de reparação à muralha com datação não anterior ao reinado de D. Sancho I. Sobre este assunto ver: GOMES, Ana; SEQUEIRA, Maria José, “Continuidades e Descontinuidades na Arquitectura Doméstica do Período Islâmico e Após a Conquista da Cidade de Lisboa: Escavações Arqueológicas na Fundação Ricardo Espírito Santo e Silva”, in *Arqueologia Medieval*, 7, Porto, Edições Afrontamento, 2001, pp. 103-110.

estão referenciados vários monumentos epigráficos romanos, neste caso quase todos de natureza funerária⁹.

Será difícil identificar de que necrópole da cidade romana a estela foi deslocada para ganhar nova função. Porém, não deixa de ser interessante referir que na intervenção arqueológica realizada no pátio da Fundação Ricardo Espírito Santo e Silva foi descoberta uma sepultura romana, datável do século III¹⁰. A existência dessa sepultura (embora de época tardia e até ao momento, exemplar único na zona) talvez possa indiciar a localização de uma necrópole romana nas imediações, junto a um eixo de entrada da cidade¹¹, correspondente a um dos *decumani*. Essa necrópole que poderá ter funcionado cerca de, pelo menos, três séculos (dadas as datações propostas para a maioria das epígrafes funerárias identificadas na zona e a própria cronologia da sepultura), terá sido, como todas as outras que já se detectaram em Lisboa, desmonumentalizada com o propósito de reaproveitamento dos monumentos enquanto matéria-prima de fácil aquisição para a construção¹² em momentos de grande pressão, como aqueles em que se edificam muralhas defensivas.

ANA CAESSA
NUNO MOTA

⁹ SILVA, Augusto Vieira da, *Epigrafia de Olisipo. Subsídios para a História de Lisboa Romana*, Lisboa, Publicações Culturais da CML, 1944, pp. 54-55 e 184-187.

¹⁰ GASPAR, Alexandra; GOMES, Ana, “As Muralhas de Olisipo – o Troço Junto ao Tejo”, in *Murallas de Ciudades Romanas en el Occidente del Imperio, LVCUS AVGUSTI como Paradigma*, Actas del Congreso Internacional Celebrado en Lugo (26-29. XI.2005), Diputación Provincial de Lugo, Lugo, 2007, p. 687.

¹¹ A hipótese de existência da necrópole, baseada no aparecimento da sepultura, foi também colocada em: GUERRA, Amílcar, “Os Mais Recentes Achados Epigráficos do Castelo de S. Jorge, Lisboa”, in *Revista Portuguesa de Arqueologia*, volume 9, n.º 2, 2006, p. 277

¹² A propósito deste assunto ver: BANHA da SILVA, Rodrigo, “Urbanismo de Olisipo: a Zona Ribeirinha”, in *II Colóquio Temático Lisboa Ribeirinha*, Lisboa, CML, 1997, p. 56.

MARCA EM PESO DE TEAR, EM AEMINIUM
(*Conventus Scallabitanus*)

No sítio denominado de Antigo, actual Estrada das Eiras, por trás da Escola Primária de Vilela, neste mesmo lugar, da freguesia de Torre de Vilela, localizado cerca de 9 km a norte do núcleo urbano da cidade de Coimbra, a *Aeminium* da época romana, encontram-se descritos, desde 1940, vestígios arqueológicos de cronologia romana,¹ como tijolos de coluna,² *tegulae*, fragmentos de cerâmica doméstica, pesos de tear, escória, etc.

Em 1997, descobriram-se duas estruturas arquitectónicas com mais de 11 m de comprimento, paralelas e equidistantes entre si por 4 m, compostas por pedra calcária compactada com argila. A bibliografia relativa a este local associada ao espólio arqueológico encontrados na área envolvente levam-nos a considerá-las romanas.

Nesse mesmo ano, a cerca de 100 m a sul, aquando da lavra de um terreno que há muitos anos se encontrava em pousio,

¹ Ver: CORREIA (Vergílio), «Notas de arqueologia e etnografia do concelho de Coimbra», *Biblos* 16(1), 1940, p. 140-141; ALARCÃO (Jorge de), *In territorio Colimbrice: lugares velhos (e alguns deles deslembrados) do Mondego*, «Trabalhos de Arqueologia» 38, Instituto Português de Arqueologia, Lisboa, 2004, p. 74.

² Cf. ALARCÃO (Jorge), *Roman Portugal*, vol. II – *Gazeteer* (Inventário), Warminster, 1998, fasc. II-2, p. 94, n.º 3/97; SANTOS, (Raquel), *Relatório Preliminar dos Trabalhos Arqueológicos Realizados no Sítio do Antigo – Vilela* (ANVI.05). IGESPAR, 2005. Policopiado.

foram encontrados vários fragmentos de *tegulae*, *imbrices*, cerâmica doméstica, e de construção, destacando-se entre eles um peso de tear com marca de oleiro.

A peça está completa, tendo sofrido um ligeiro desgaste nos bordos das extremidades, principalmente no topo inferior. Com formato paralelepípedo, de secção rectangular,³ de cor alaranjada com um único orifício de suspensão perfeitamente circular (1 cm de diâmetro), colocado a 1,5 cm do topo superior.

Peso: 414, 98 g.

Dimensões: 11 x 5,8 x 3,9.

FR(O)NT(*onis*)

De Frontão.

Altura das letras: 1,7 (N: 1,4 e 2,1).

A marca⁴, em relevo, encontra-se no topo superior. O F apresenta-se um pouco desgastado pelo facto de se encontrar junto à margem; as letras NT estão interligadas, elevando-se a 2ª haste do N para fazer um T, semelhante à citada 300a, de Conímbriga, identificada como pertencendo à oficina de *Fronto*.

É o único exemplar com esta marca encontrado fora do território de Conímbriga. Tratando-se de um proprietário de uma oficina de Conímbriga,⁵ este achado vem reforçar a existência de

³ Incluível, pois, no I grupo dos pesos estudados de Conímbriga: cf. ALARCÃO (Jorge) *et alii*, *Fouilles de Conímbriga*, VII (Trouvailles diverses, Conclusions generales), Paris, 1979, p. 55.

⁴ Cf. ÉTIENNE (Robert), FABRE (Georges) et LÉVÊQUE (Pierre et Monique), *Fouilles de Conímbriga*, II – *Épigraphie et Sculpture*, Paris, 1976, p. 138 (nºs 300a e b).

⁵ Cfr. ainda CORREIA (Virgílio H.) *et alii*, «Os proprietários de oficinas de cerâmica de construção de Conímbriga e da Lusitânia Ocidental: continuidade e ruptura», in POLFER, Michel (dir.) *L'Artisanat Romain: Evolutions, Continuités et ruptures (Italie et Province Occidentales)*. Actes du 2e Colloque d'Erpelgange (26-28 Octobre 2001). Monographies instrumentum 20. Éditions Monique Mergoïl, Montagnac, 2001, p. 156; TERESO (André), *Estudo Tipológico e Composicional de Pesos de Tear Romanos. Conímbriga, Aeminium, Sellium, Rabaçal, Dordias, Santiago da Guarda e Cardais*, Relatório de estágio de final de curso. Departamento de Arte, Conservação e Restauro. Instituto Politécnico de Tomar. 2006/2007. Policopiado, p. 48-49.

relações comerciais com o território vizinho, situado cerca de 26 km a sul.

RAQUEL SANTOS



411

